

Corpo, infância e educação: algumas palavras e um convite

Neste dossiê, interessa-nos construir interlocuções em torno do tema "Corporeidades, Infâncias e Educação" a partir de vozes diversificadas que vêm aprofundando o debate teórico, metodológico e ético acerca das experiências corpóreas de crianças pequenas e os lugares que seus corpos ocupam no cotidiano de contextos de Educação Infantil, perspectivando caminhos para uma (re)significação das relações entre corporeidades e infâncias. Compreendemos que o corpo se inscreve como instrumento de significação da cultura, e simultaneamente, sua materialidade é significada pelos contextos sociais e culturais nos quais é atravessado. Assim, com as crianças, podemos inferir que as experiências corporais constroem-se nas relações dialógicas com a cultura, ora anunciadas, ora silenciadas, em meio aos repertórios culturais e relações estabelecidas. Essas relações, mobilizam interrogações em se tratando da educação de bebês e crianças, campo em que nos situamos, exigindo a ampliação de estudos e pesquisas que contribuam para a concretização de ações que assegurem às crianças seus direitos ao corpo e suas diferentes formas de expressão

Este número da Revista, traz uma diversidade de temas que atribuem em seu escopo prioridade às pesquisas no campo da Pequena Infância, com artigos que contemplam indicativos acerca das práticas educativas em contextos de Educação Infantil. E, para tal, o debate das pesquisadoras dá lugar à descrição dos marcadores da diferença, a partir do pressuposto de que as diferenças de gênero, classe, deficiência e etnicidade/raça são marcos regulatórios do processo de (re)produção de desigualdades. Vale esclarecer que esta proposta de dossiê, situa-se dentre as ações desenvolvidas pelos Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC/UFSC) e Grupo de Estudos e Pesquisas Etnografia e Infâncias (GEPEI/UFSC), que com suas pesquisas e estudos, contribuem significativamente para a produção de conhecimentos que reconhecem as infâncias e seus direitos como ponto de partida.

Corpo, infância e educação são eixos que têm impulsionado, de longa data, reflexões e questionamentos em espaços acadêmicos, e a retomada desse debate deveu-se à especificidade da conjuntura nacional e internacional e aos enfrentamentos que a Escola e profissionais de Educação fazem ao tratarem corpo, gênero e sexualidade.

Cenário que se agrava a partir de uma crescente expansão geopolítica da extrema direita no mundo e que tem seu foco em regular forças emancipatórias que se inscrevem principalmente, em territórios latino-americanos. Os movimentos sociais, sobretudo liderados por mulheres, em grande expansão em países latino-americanos, com pautas importantes tais como: enfrentamento das mais diversas formas de violência de gênero, feminicídio, misoginia, homofobia, transfobia, paridade de gênero nos espaços de trabalho e muitas outras lutas, mostram a potente e revolucionária inscrição territorial quando tratamos do sul global.

Portanto, quando miramos a educação, questões políticas, ideológicas, fundamentalistas, ameaçam a autonomia de professores(as) e conseqüentemente as relações que se estabelece com as crianças, aliadas às visões que naturalizam infâncias violadas, medicalizadas, patologizadas, e outras. Aqui, sustentamos nossas convicções políticas, ao recusar soluções simplistas e ao dar lugar e visibilidade aos contributos da pesquisa com crianças, bem como às análises que produzem indicativos para refletir a docência com crianças.

Nesse sentido, e não por acaso, enfatizamos a necessidade de dar visibilidade às elaborações/significações das crianças, com um olhar atento à dimensão corporal em um contexto histórico e socialmente localizado, entendendo que, enquanto adultos, interpretamos muito aligeiramente os contextos em que se inscrevem aspectos relacionais.

Respaldamos nossas reflexões em abordagens dos estudos da infância, que compreendem as crianças — individual e coletivamente — como membros ativos da sociedade, e a infância como construção histórica, social e cultural, constituída em relação com a classe, etnia/raça, gênero. No campo da educação, temos pesquisas que problematizam e interrogam as formas pelas quais as instituições de Educação Infantil estão envolvidas na constituição social das crianças. Desde Guacira Lopes (2000, 2010), Débora Sayão (2005), Márcia Gobbi (2012), Daniela Finco (2003, 2007), Manuela Ferreira (2004), Márcia Buss Simão (2007, 2012), Jane Felipe (2003), Cristiano Rosa e Jane Felipe (2024) dentre

outras, as pesquisas trazem contribuições importantes acerca do lugar, do olhar e das relações em que se estabelecem historicamente os processos educativos de regulação, normatização e controle dos corpos de crianças pequenas. Caminhando nessa direção, encontramos nos Estudos de Gênero questionamentos acerca dos modelos formativos de feminilidades e masculinidades definidos por um saber-poder sexista e patriarcal, que nos permite entender como modos de subjetivação foram marcados por recusas a formas disciplinares e de governamentalidades dos corpos (Rago, 2019) e das suas múltiplas dissidências.

A partir desse panorama, torna-se essencial discutir como os corpos infantis são entendidos, marcados e significados no interior das instituições educativas. Isso exige um olhar crítico acerca dos processos históricos que sustentam práticas educativas que, muitas vezes, reproduzem desigualdades e silenciamentos. Nesse contexto, reconhecemos o papel das pesquisas e das reflexões pedagógicas que promovem práticas capazes de valorizar as experiências corporais das crianças, ao mesmo tempo que favorecem relações mais justas e equitativas nos espaços educativos. A centralidade do corpo como lugar de expressão, subjetivação e interação nos convoca a pensar a infância de forma mais ampla, sensível e comprometida com a pluralidade. Nesse sentido, é fundamental aprofundar a discussão acerca das condições que garantem às crianças seus direitos corporais, incluindo a liberdade de movimento, de expressão e de ser, sem as amarras impostas por normatividades ou preconceitos históricos. Essa perspectiva permite questionar práticas pedagógicas que muitas vezes silenciam ou invisibilizam as manifestações infantis e proporcionam alternativas que acolham as diferenças, reconheçam as singularidades e combatam as desigualdades. Assim, reafirmamos a importância de ampliar os horizontes das investigações, problematizando os modos como a Educação Infantil se relaciona com os corpos das crianças e como essas interações podem se constituir como espaços de resistência, emancipação e cuidado.

O dossiê **Corporeidades, Infâncias e Educação** resulta de um esforço coletivo para publicar reflexões provenientes de estudos e pesquisas que contemplam uma variedade de temáticas que estão em consonância com os debates teóricos, metodológicos e políticos no campo de estudos da infância, envolvendo corpo, infância e educação.

Dessa forma, a coletânea de artigos apresentados neste dossiê convida para a construção de um olhar crítico e reflexivo acerca das temáticas

abordadas..Antecipando alguns dos temas tratados neste dossiê, Karina Rousseng Dal Pont e Adilson De Angelo apresentam um estudo cartográfico acerca dos movimentos de deslocamentos das crianças nos espaços e tempos institucionais, com a intenção de provocar o olhar sobre modos rígidos de explorar as várias camadas de uma instituição de Educação Infantil com vistas à maior autonomia e vivências dos pequenos(as). Ou melhor, o artigo intitulado **Cartografias das ausências: crianças e os deslocamentos pelos espaços da Educação Infantil**, trata dos deslocamentos das crianças de distintas faixas etárias nos espaços internos e externos das instituições de Educação Infantil, por meio da cartografia realizada pelos professores e professoras em formação durante o período de Estágio Curricular Supervisionado.

O artigo **Corporeidades negras no espaço da creche e no ambiente familiar: perspectivas e desafios para a construção de uma educação antirracista**, autoria de Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Natália Lopes dos Santos trata das corporeidades negras vividas por bebês nos espaços das creches e contextos familiares. A partir de uma pesquisa bibliográfica e de observação participante, as autoras trazem para o debate a experiência de dois bebês que iniciam em 2019 na creche, tratando assim da necessidade de reflexões de uma educação antirracista. As autoras apresentam como essas subjetividades são marcadas por distintas relações: de um lado as famílias dos bebês buscam fortalecer suas identidades raciais de seus bebês alinhados aos elementos da cultura africana e afro-brasileira, por outro lado, as creches trazem em suas referências de brinquedos, imagens colonizadoras e embranquecidas.

No artigo **Corporeidades e brincadeiras na Educação Infantil**, Regina Ingrid Bragagnolo e Leonor Maria Cantera buscam apresentar mediações pedagógicas durante as brincadeiras e jogos corporais de meninos e meninas de 5 e 6 anos de idade no contexto da Educação Infantil sob a luz da matriz feminista de gênero. Num contexto em que a discussão da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006) tem levado a uma problematização das relações sociais de violências e gênero, essa discussão parece pertinente por suscitar o debate da prevenção das violências de gênero e como essas são resultados também das relações/noções que as crianças constroem acerca de seus corpos a partir das mediações pedagógicas.

No texto, **O corpo nas práticas sociais de cuidados entre crianças e suas implicações no cotidiano educativo: brincar de cuidar do outro e de ser**

cuidados pelo outro, Roseli Nazário e Andréa Simões Rivero, colocam em destaque situações em que as crianças brincam de cuidar e de ser cuidadas, tendo em conta que o corpo, nas relações de cuidado em instituições educativas, tradicionalmente, é considerado a partir das perspectivas e ações dos adultos/profissionais. As autoras propõem a construção de “outras pedagogias dos corpos”, as quais reconheçam a totalidade humana corpórea desde a educação dos bebês, negando todo e qualquer processo de descorporalização que ainda marca os currículos centrados em uma pedagogia conteudista, cognitivista, promotora de concepções pedagógicas que concebem as crianças como mentes incorpóreas.

Jane Felipe, Michele Leguiça e Cristiano Rosa no artigo **Corpos em vigilância na Educação Infantil: entre a regulação e a violação de direitos**, apresentam uma análise dos modos como os corpos infantis são vigiados para seguirem padrões dentro dos *scripts de gênero*. Nessa direção, apresentam argumentos para sustentar as críticas aos espaços educativos que direcionam seus fazeres para práticas de vigilância, em detrimento do trabalho educação para a sexualidade que resulta na prevenção da violência/abuso sexual contra as crianças.

Na perspectiva dos Estudos de Gênero e Sexualidade temos o texto **Vivências de uma criança trans em contexto de Educação Infantil: direito ao reconhecimento da identidade e do corpo** escrito por Izzie Madalena Santos Amancio, Patricia de Moraes Lima e Cristina Teodoro, onde através de uma pesquisa etnográfica abordam como uma criança trans constitui sua identidade de gênero e racial em espaços de Educação Infantil, buscando abrir o debate teórico da transsexualidade e as infâncias, escavando referências sobretudo, mais contemporâneas que tratam dos corpos infantis e suas dissidências. O texto compõe registros do campo etnográfico com as narrativas da criança, partícipe da pesquisa, que aponta para uma escuta atenta e singular da experiência e vivência que a mesma faz do corpo em espaços relacionais tais como : família, escola, adultos e entre pares.

Na continuidade do dossiê, Carolina Votto Silva e Antônio Reis de Sá Junior com o texto **Educação estética: corpo, infâncias e racismo**, apresentam questões que problematizam o campo da estética através da obra de Rosana Paulino, uma das primeiras artistas negras a concentrar em sua obra questões de raça, gênero e classe. Correlacionam reflexões que tratam da histórica única a partir de Chimamanda Ngozi Adichie que problematiza como os corpos negros são retratados na história através de subvalorização cultural. Por fim, abordam a justiça

cognitiva, curricular e social para uma educação estética e antirracista no contexto educativo.

O texto de Carolina Duek **La pandemia en el cuerpo: infancias, espacios y tiempos de confinamiento** apresenta o contexto das infâncias na Argentina durante a Pandemia da Covid-19 e o impacto da escolarização das crianças sob a mediação tecnológica no ensino remoto e o retorno presencial. Aborda, conceitualmente, os temas da interação relacional, comunicativa do corpo, bem como o espaço e o tempo na relação com as infâncias.

O dossiê finaliza com uma importante entrevista **Pedofilização e scripts de gênero: as contribuições do eixo temático “Infâncias, gênero e sexualidades”** para pensar as corporeidades infantis realizada por Bianca Salazar Guizzo com a professora Jane Felipe, titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GERGE).

Este dossiê representa uma importante contribuição para os estudos que dialogam com os campos da Educação Infantil, Estudos de Gênero, Corporeidades e Direitos. Ao abordar questões emergentes e desafiadoras, como as relações entre corpo, infância e educação, as pesquisas aqui reunidas ampliam o debate teórico e metodológico, evidenciando a necessidade de reflexões acerca das práticas pedagógicas e sociais em contextos historicamente marcados por desigualdades.

Esperamos que a leitura dessas coletâneas não apenas estimule novas investigações acadêmicas, mas também subsidie práticas educativas transformadoras e comprometidas com a promoção de uma infância plural e respeitosa das diferenças. E, ainda que este material inspire-nos a aprofundar os debates aqui apresentados, construindo caminhos coletivos para uma educação que reconheça as crianças como protagonistas de suas histórias.

Por fim, gostaríamos de expressar nossos agradecimentos a todas as pessoas do Conselho Editorial, pareceristas, técnicas, pesquisadoras/es, autoras/es e à criança (Nicolás B. Pich), foco do nosso olhar e também responsáveis pelo desenho que estampa a capa do dossiê. Desejamos uma boa leitura e muitas reflexões.

Organizadoras

Patrícia de Moraes Lima
(UFSC)

Regina Ingrid Bragagnolo
(UFSC)

Andréa Simões Rivero
(UFFS)

Referências

BUSS-SIMÃO, Márcia Buss. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas**. Florianópolis, 2012. 312 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de

Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PEED0925-T.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Infância, corpo e educação na produção científica brasileira (1997-2003)**. Florianópolis, 2007. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PEED0620-D.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; ROSA, Cristiano Eduardo da. **Infâncias e temas sensíveis**. 1ed. Porto Alegre: Cirkula, 2024. 238 p.

FERREIRA, Maria Manuela. **A gente gosta mesmo é de brincar com outros meninos**. Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 2004.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (Org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 3, p. 89–101, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 1 dez. 2024.

GOBBI, Maria Aparecida. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, n. 43, p. 135–147, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/nqWcbv8qfG5pspSkPNZCF6s/#ModalHowcite>. Acesso em: 1 dez. 2024.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180515, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccCCbt4pcXx4CTWhX8JnBmc/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 2 dez. 2024.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma família que não educa e nem protege? Scripts de gênero e violência/abuso sexual contra meninos. **Revista Debates Insubmissos**, [S. l.], v. 6, n. 20, p. 10–37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/252938>. Acesso em: 1 dez. 2024.

SAYÃO, Deborah Thome. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo a partir de professores na creche. Florianópolis, 2005. 272 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PEED0532.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

